

---

**ENTRE O PÚLPITO, O PALANQUE**

---

**E A REDE: UM ESTUDO SOBRE OS**

---

**WEBSITES GOSPEL PRIME**

---

**E GOSPEL MAIS\***

---



Adam Henrique Freire Sousa\*\*, Andrea Vettorassi

**Resumo:** *a proposta do presente artigo consiste em uma análise sobre a cobertura das eleições brasileiras de 2018 dos websites jornalísticos Gospel Mais e Gospel Prime, que se autodenominam portais de “jornalismo gospel evangélico”. Esse estudo é feito com o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2010) e com embasamento teórico pautado no conceito de campo, de Pierre Bourdieu (1989), para o entendimento de como esses portais jornalísticos perpassam os campos da religião, mídia e política no cenário estudado, bem como em que consiste a cosmovisão evangélica de política defendida em seus editoriais.*

**Palavras-chave:** *Religião. Mídia. Política.*

**A**s eleições presidenciais de 2018 foram marcadas por uma forte polarização em que grupos étnicos, culturais e religiosos se opuseram em um debate público impulsionado pelos meios de comunicação digitais. Tendo a internet (sobretudo as redes sociais) como pano de fundo, tais grupos se dividiram no espectro político entre esquerda e direita de acordo com seus interesses e reivindicações sociais. A partir das eleições de 2014 e 2016, a internet vem sendo utilizada como importante “ferramenta de propaganda pelos candidatos” (BRAGA; CARLOMAGNO, 2018, p. 7), bem como fonte de organização, produção de conteúdo e

---

\* Recebido em: 19.11.2019. Aprovado em: 19.03.2020.

\*\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Bacharel em Comunicação Social (UFG). Participante do Núcleo de Estudos em Religião (UFG). *E-mail:* adamfreire25@gmail.com

\*\*\* Doutora em Sociologia (UNICAMP). Mestre e bacharel em Ciências Sociais (UFSCar). Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e da Faculdade de Ciências Sociais (UFG). *E-mail:* andreavettorassi@yahoo.com.br

compartilhamento de informações para debate público entre grupos com anseios políticos e reivindicações sociais ( p. 23).

Entre esses grupos, os evangélicos despontam com um importante destaque, colhendo os frutos de um contínuo investimento em formas de comunicação com o seu público. As mídias religiosas evangélicas foram bastante utilizadas por atores políticos religiosos ou não religiosos para a circulação de debates em torno, por exemplo, do *impeachment* de 2016, da “corrupção” de forma generalizada, do casamento homoafetivo, dentre outros temas, com o intuito de embasar opiniões e decisões de voto durante as eleições de 2018. Seu advento se deu para rivalizar com o *modus operandi* da mídia tradicional laica sobre a política partidária, principalmente no tocante a temas caros à agenda conservadora evangélica, como os citados acima.

Não apenas jornais evangélicos institucionais<sup>1</sup>, como a *Folha Universal*, foram destaque nos compartilhamentos em redes sociais, mas também blogs e sites independentes ganharam força. Os websites *Gospel Prime* e *Gospel Mais* despontaram entre os websites evangélicos independentes de maior número de acessos e compartilhamento em redes sociais. A missão do website *Gospel Prime* apresentada na seção “Quem Somos” é “defender os princípios e valores do Reino através de notícias, e colunas de opinião”<sup>2</sup>.

É interessante salientar que há uma grande diversidade de pensamento entre os grupos religiosos que se denominam “evangélicos”. Trabalhos como o de Ricardo Mariano (2010) atestam uma diversidade e pluralidade de pensamento e práticas religiosas em todos os grupos e subgrupos do meio evangélico. O próprio resultado da eleição demonstra isso, uma vez que, a despeito de serem considerados mais conservadores, “cerca de 52% da população evangélica não votaram no candidato da direita conservadora Jair Bolsonaro” (REVISTA IHU, 2018).

Frente a este panorama, a proposta desta pesquisa é fazer um estudo sobre como os websites alinhados ao chamado “jornalismo gospel evangélico” *Gospel Prime* e *Gospel Mais* construíram notícias sobre o campo político durante as eleições de 2018 seguindo um viés reivindicado como religioso evangélico. Identificasse que o tipo de jornalismo praticado pelos portais citados segue linhas políticas e religiosas bem definidas e interligadas aos interesses de seus editoriais, o que implica em um objeto que perpassa os campos político, religioso e midiático. O intuito aqui é entender como esses portais transitam por essa intersecção entre os campos político, religioso e midiático no qual estão inseridos.

Entendemos que, segundo a teoria dos “campos sociais”, proposta por Pierre Bourdieu (1989, 2007), os campos (religião, política, mídia) são uma arena de disputa por “poder e prestígio”, onde os pretendentes utilizam do prestígio conferido por outros campos para batalhar por melhores posições nessa disputa. Dessa forma, ainda que em relativa autonomia, com um *habitus*<sup>3</sup> próprio, os campos citados

exercem influência entre si como estruturas estruturadas e estruturantes. Por isso, os conceitos bourdieusianos apresentados são utilizados como base teórica neste estudo.

O material jornalístico voltado para as eleições presidenciais de 2018 em ambos os portais é analisado seguindo a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010), que permite fazer inferências de natureza qualitativa e quantitativa em um considerável número de material documental. Para otimização da análise, foi necessária a utilização do programa MAXQDA<sup>4</sup>, software de análise de conteúdo. Essa técnica possibilitou identificar informações importantes sobre os atores recorrentes e as linhas políticas e religiosas no processo de construção da cobertura jornalística da campanha presidencial de 2018.

No intuito de medir o impacto social do material, foi feita uma medição da audiência em número de acessos e compartilhamentos nas redes sociais. Para analisar o tráfego e a audiência durante a campanha, foi utilizado o servidor *Similarweb*<sup>5</sup>. O servidor *Shared Count*<sup>6</sup> foi utilizado para fazer a contagem do número de compartilhamentos via redes sociais *Facebook* e *Twitter* de todos os artigos jornalísticos durante as eleições de 2018.

As investigações propiciadas pela pesquisa de campo e incursão teórica sobre o jornalismo gospel evangélico levantaram reflexões importantes, a saber: 1) A teoria dos campos sociais de Bourdieu (1989) define *campo* como um espaço de batalha por poder e prestígio entre os diferentes atores, assim como a religião, a mídia e a política são campos em que as disputas se agrupam em simbologias e construções sociais. O jornalismo gospel aqui estudado, portanto, se concentra num intercruzamento entre três campos: a religião, a mídia e a política; 2) O termo “evangélico”, como propõe Ricardo Mariano (2010), abraça uma vasta gama de instituições com diferentes perspectivas históricas, visões de mundo e ritos religiosos, significando uma representação de mundo guiada pelo termo evangélico em sua complexa gama, o que significa, portanto, que um “jornalismo gospel” deve, em teoria, dar voz a uma diversidade de visões.

Com as duas reflexões acima, as perguntas centrais que esse estudo se propõe responder são: Qual o conteúdo levantado pelos websites *Gospel Prime* e *Gospel Mais* entre os meses de agosto de 2018 e janeiro de 2019, e como esse conteúdo perpassa os campos (BOURDIEU, 1989) em que estão correlacionados? Nesse sentido, os websites ora analisados abarcam a complexidade e pluralidade de pensamentos que o campo religioso tem?

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE CAMPO

Para Bourdieu (1989), as instituições atuam na sociedade em espaços de produção de sentido que são intrínsecos às suas respectivas competências: o campo. Os

campos são um espaço de disputa de instituições e atores políticos e sociais de distintos posicionamentos pela hegemonia sobre a acumulação e produção de símbolos<sup>7</sup> e bens simbólicos, e que significam a hegemonia sobre a própria produção e reprodução de significado, prestígio e poder dentro de um campo. Aquele que detém a hegemonia dentro de um campo conquista o poder simbólico, que é “um poder de construção da realidade” (BOURDIEU, 1989, p. 9), um poder conferido àqueles que acumulam o capital simbólico ou crédito socialmente conferido àqueles que têm reconhecidamente a honra ou prestígio dentro de seus campos de atuação.

Os campos são relativamente autônomos, o que implica que podem influenciar ou serem influenciados por outros campos. As posições dos sujeitos dentro de um campo dependem das relações sociais mantidas com outros sujeitos dentro e fora de seus campos de produção, bem como da acumulação de capital simbólico, que se dá de forma desigual entre os pares, causando hierarquizações. Os campos de produção cultural, político, religioso e midiático tendem a exercer influência mútua em suas disputas internas, uma vez que são campos onde os valores morais e de honra são socialmente construídos através da percepção social dos indivíduos sobre os símbolos que os permeiam.

Pela lógica de Bourdieu, o campo político, assim como o religioso, opera de acordo com a desigualdade de capital simbólico entre os atores do campo, que implica que o funcionamento deste se dá em forma de uma disputa entre os vários atores do campo pelo monopólio desse capital. Para Bourdieu (1989, p. 165), a política segue em âmbito especial por ser o espaço da oferta e procura de “instrumentos de percepção e de expressão do mundo social”, que influenciam a opinião pública sobre assuntos e problemas de ordem social. O uso desses “instrumentos de percepção” ajudam, por sua vez, a moldar a fração de eleitorado a ser conquistada, pois influenciam não só a opinião sobre temas políticos, mas também sobre os atores políticos que se dispõem a utilizá-los. Bourdieu entende a política como espaço de disputa entre facções políticas que se utilizam de formas de pensar e de opiniões amplamente disseminadas e antagônicas, para monopólio do capital político, privilegiando assim certos de tipos de pensamento e opinião em detrimento de outros.

As relações objetivas às quais Bourdieu se atém na relação entre os campos político e jornalístico são construídas em uma perspectiva pouco otimista: mais centrada na disputa de poder do que nos problemas sociais. Ao mesmo tempo em que se luta pelo capital político, em forma de crédito, o homem político deve lutar contra o descrédito lançado pelos seus adversários, tendo que se portar com a devida cautela em relação à crença de seus eleitores e aos profissionais políticos que o auxiliam nessa empreitada. Bourdieu aponta que o principal profissional político ao qual o homem político deve se ater é o jornalista: o

jornalismo é um campo que vive em uma relação de mão dupla com o campo político, pois o profissional de jornalismo é “detentor de um poder sobre os instrumentos de grande difusão que lhe dá um poder sobre toda a espécie de capital simbólico” (BOURDIEU, 2007, p. 189).

A contribuição outorgada do campo religioso ao campo político acontece não em âmbito do sagrado, mas do lógico, uma vez que o campo religioso influencia na manutenção da ordem simbólica por intermédio de uma disciplina lógica, onde se sedimenta uma ordem social engendrada por uma ordem cósmica legitimada pela religião, tendo como efeito a “absolutização do relativo e a legitimação do arbitrário” (BOURDIEU, 2007, p. 69). A religião, dessa forma, atua na perpetuação das formas fundamentais da ordem social, princípios como masculino-feminino, boa ação e má ação (oriunda da ideia de pecado e graça), são prescritos pela mitologia da religião cristã como formas cosmológicas que acabam sendo transmutadas como formas lógicas pelo senso comum de uma população cristã (ou com base cristã). Essas formas cosmológicas (ou topologias simbólicas, como afirma BOURDIEU, 1989), ao se legitimarem, se transmutam em formas políticas, pois os poderes políticos precisam lutar pela sua manutenção ou pela subversão da ordem que estas formas conferem.

É importante salientar que a compreensão sobre os campos político e religioso é a de que, como Bourdieu propõe, há uma relativa autonomia entre os campos. Eles possuem suas próprias regras, mas por partilharem de uma espécie de capital simbólico socialmente construído, os atores sociais e instituições podem lançar mão de discursos políticos e religiosos que reforcem seu prestígio e afirmem suas posições no campo. O campo jornalístico ou midiático já possui, segundo Bourdieu, o poder de influência sobre todos os campos culturais através de seu poder de grande difusão de produtos culturais. A instituição midiática, então, teria “o poder de existir publicamente, de ser conhecido, de ter acesso à notoriedade pública (o que, para os políticos e para certos intelectuais, é um prêmio capital)” (1997, p. 66).

Pesquisas de autores brasileiros como as de Burity (2006), Burity e Machado (2014) e Vital e Lopes (2012) apontam que a politização do meio evangélico ocorre a passos largos e tem modificado profundamente o campo político brasileiro. É certo, como aponta Burity (2006), que a separação entre a Igreja e Estado no Brasil nunca foi completa, não se realizando de forma definitiva, conservando relações estreitas entre o poder público e instituições religiosas, sobretudo entre a Igreja Católica. Nessa perspectiva é interessante afirmar que o campo político brasileiro é íntimo do campo religioso, e que a grande mudança que ocorre no início do século XXI é o aparecimento das denominações evangélicas no tabuleiro político e social.

Em um estudo sobre a atuação dos evangélicos no campo político brasileiro, Burity e Machado (2014, p. 607) entendem que os políticos evangélicos são novos atores políticos, que se inserem num panorama de disputa simbólica em que “a política religiosa” é vista com desconfiança por ser uma ameaça a demandas por justiça e igualdade. Esse conflito gera disputas tanto entre maioria e minorias, quanto entre “minorias religiosas” (como os autores descrevem os evangélicos) e minorias politicamente emergentes (LGBTQ, Movimento Negro, Feminista), todos eles novos atores na cena política, vistos, na visão dos autores citados, como forças equivalentes. Em vista disso, reabre-se a discussão sobre a relação entre o Estado e a Religião, onde pairam questionamentos sobre a legitimidade da relação “religião e política”. Na conclusão de seu estudo, Burity e Machado (2014) apontam que há uma miscelânea de interesses e opiniões políticas no discurso dos entrevistados sobre a sua atuação no campo político, onde há sim uma preocupação com questões morais que obedecem às suas demandas religiosas, mas há também espaço para questões de ordem socioeconômica e ainda uma minoria com um pensamento mais liberal e crítico à atuação dos evangélicos na política.

#### O CAMPO BRASILEIRO DA INTERSECÇÃO ENTRE MÍDIA, RELIGIÃO EVANGÉLICA E POLÍTICA PARTIDÁRIA

No panorama brasileiro do jornalismo impresso, os jornais religiosos são um fato corriqueiro, considerando a grande diversidade religiosa e cultural brasileira. Entre os evangélicos, devido à grande variedade de denominações, há uma diversidade de veículos e canais. Entretanto, há aqueles que se destacam e abrangem até mesmo o público de outras denominações, como é o caso da *Folha Universal*. Vários estudos têm sido realizados acerca da atuação da *Folha Universal* no meio impresso, que apontam para uma tendência da mesma a utilizar uma linguagem jornalística como forma de propagar sua doutrina e fazer interações no campo político partidário. De acordo com Lima e Werneck (2012, p. 243),

*a Folha Universal é parte de um conglomerado midiático que, assim como os cultos da Igreja Universal, atinge um público amplo, integrado não só por fiéis, mas também por frequentadores eventuais de seus templos. Mantendo coerência com o estilo da igreja, neste jornal o tom pedagógico típico do jornalismo é acrescido do mesmo estilo didático empregado nos seus serviços religiosos dedicados ao enfrentamento da vida cotidiana.*

Segundo a análise desses autores, a *Folha Universal* publica matérias com um tom político bem delimitado e consonante com os interesses da Igreja Universal

do Reino de Deus. Seu líder, Edir Macedo, já havia apoiado o ex-presidente Lula de 2002 a 2008 e apoiou a campanha da ex-presidente Dilma Rousseff em 2010, com matérias como as que destacavam a importância de ter uma mulher presidente. Até um editorial do Bispo Marcelo Crivela orientava o leitor a votar em Dilma. Ainda de acordo com os respectivos autores sobre o tom editorial das matérias do jornal, “a razão religiosa não se separa da razão mundana e a discussão da política, embora sempre encadeada com matérias de cunho religioso e apostas na força da fé” (LIMA; WERNECK, 2012, p. 244).

Nas análises de Silva Junior e Sousa (2015), a construção da notícia na *Folha Universal* tem uma identidade jornalística ancorada nos princípios da Igreja Universal da teologia da prosperidade e do conservadorismo político. Na visão deste estudo, a *Folha Universal* utiliza-se de “um material com forma jornalística” (SILVA JUNIOR; SOUSA, 2015, p. 16) munido de uma linguagem jornalística ainda que não haja um devido alinhado aos princípios que norteiam o jornalismo.

Essa adesão ao uso dos meios de comunicação aconteceu de forma progressiva e não uniforme. Conforme Mariano (2010, p. 30), apenas após a chamada segunda onda pentecostal<sup>8</sup>, que teve início na década de 1950, é que as igrejas pentecostais adotaram o rádio como meio de pregação de sua doutrina. Segundo os apontamentos de Mariano (2010, p. 30-40), a “terceira onda” surge com a inovação de se aproximar da vida mundana e de adentrar em territórios seculares como a política partidária e a mídia (rádio, TV, internet). Isso ocorre em contraponto ao comportamento inicial do pentecostalismo da primeira e segunda “onda” que pregam justamente o distanciamento das coisas mundanas, e por esse motivo acabou perdendo espaço para o neopentecostalismo, para então logo depois acabar acatando as mídias como estratégia de comunicação com seus fiéis.

A construção de espaços midiáticos feita pelas Igrejas acaba gerando um campo de mercado midiático que se denomina “mídia evangélica”, que se constituem de jornais impressos e *on-line*, programas de entretenimento, entre outros produtos. Uma grande diferenciação do *Gospel Prime* e do *Gospel Mais* em relação a um veículo como a *Folha Universal* é que, no caso do último, o público é bastante específico: a Igreja Universal e seus fiéis. Os veículos aqui estudados supostamente representam uma identidade muito mais plural: a evangélica com toda a sua diversidade. Entretanto, o espaço reivindicado na construção da notícia por ambos os portais de internet analisados é de uma cosmovisão evangélica, porém especificamente conservadora e de direita, que renuncia ao que é mundano ao mesmo tempo em que aponta seus rivais em minorias sociais e na chamada grande mídia que, segundo os portais e seus artigos, são os inimigos dos princípios evangélicos.

Outros temas que recorrentemente aparecem de forma negativa nos editoriais e artigos são o “comunismo e o socialismo”, atribuídos a qualquer ator político ou partido à esquerda do espectro político brasileiro. Na contemporaneidade brasileira, onde o conservadorismo político virou o jogo e se tornou o poder dominante dentro do campo político partidário e social, tal cosmovisão encontra terreno fértil para se conectar com outros grupos do espectro conservador, não apenas religiosos, e se desenvolver tanto social como economicamente no campo midiático. É fundamental salientar que, nesse contexto, as mídias digitais (como o WhatsApp, o Facebook, o Twitter) relativizaram o institucional e abriram espaço para o informal, credenciando lideranças não oficiais até então não típicos da política tradicional (BRAGA; CARLOMAGNO, 2018).

Essa tendência ao conservadorismo apresentada pelos evangélicos aparece tanto nos discursos religiosos como políticos. Como dissertam Mariano (2010), Freston (1993), Burity (2006) e Burity e Machado (2014), ela é oriunda da relação de distanciamento do “mundo”, ou seja, dos “valores mundanos”, que podem ser interpretados como valores seculares, o que implica na adoção de um rígido código de conduta, repleto de “normas e tabus comportamentais, valores morais e uso de costumes de santificação” (MARIANO, 2010 p. 190), sendo as maiores preocupações são as “esferas da sexualidade e do lazer” (p. 191) que vão de encontro à secularização dos valores na sociedade moderna, principalmente no que tange às lutas por direitos civis e reprodutivos dos movimentos feministas e LGBTQ. Segundo o estudo de Vital e Lopes (2012), o PNH-3 (Programa Nacional de Direitos Humanos 3) foi o estopim para uma mudança de lado dos líderes evangélicos, que antes das eleições municipais de 2008 apoiavam o Partido dos Trabalhadores (PT), para posteriormente passarem a integrar partidos de direita. O PNH-3 previa a legalização do aborto, do casamento homoafetivo e da adoção por parte de casais homoafetivos, projetos que constavam no programa eleitoral das eleições de 2010 da então candidata e ex-presidente Dilma Rousseuf. A simples apresentação e a discussão gerada pelo projeto criou atrito entre a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) e os setores mais à esquerda aliados ao PT. Tal atrito deu origem a uma guinada à direita para esse segmento.

Segundo o apresentado até aqui, é possível dizer que esse modo de agir, guiado pelo conservadorismo, tem origem nas raízes da formação do campo religioso evangélico e orienta o agir do campo político evangélico e midiático. Ou seja, há respaldo na cosmovisão cristã evangélica reivindicada pelos editoriais do *Gospel Prime e Gospel Mais*, ainda mais considerando que a FPE é formada por políticos de várias denominações evangélicas, o que implica que essa visão pode representar ser uma visão majoritária entre as lideranças evangélicas. Mas até onde essa visão que tem um respaldo cultural é adotada pelos

editoriais de ambos os jornais por interesses políticos? O que uma análise da atuação de ambos os websites e seus jornalistas durante as eleições de 2018 podem revelar sobre a construção da notícia no jornalismo evangélico? E sobre sua atuação na intersecção dos campos político, religioso e midiático em que esses jornais se inserem?

## DA PRODUÇÃO, ABRANGÊNCIA E ATUAÇÃO DOS AUTORES E COLUNISTAS

O *Gospel Prime* e o *Gospel Mais* foram escolhidos para esta pesquisa não só por alegarem não possuir vínculo aparente com nenhuma denominação religiosa, mas também por terem a maior audiência entre os websites evangélicos de notícias não diretamente relacionados a uma Igreja. O *Gospel Prime* tem como sede a cidade de Itajaí, em Santa Catarina, foi fundado em 2006 e em 2019 tinha mais de 1 milhão de visualizações mensais, segundo o *SimilarWeb*. Já o *Gospel Mais*, com sede em Curitiba, no Paraná, também fundado em 2006, teve mais de 2 milhões de visualizações mensais em 2019. Ambos contam com um grande número de notícias compartilhadas nas redes sociais, sobretudo *Facebook* e *Twitter*. Nos dois websites há uma seção específica que trata sobre política, assim como colunistas e mentores conhecidos por seu engajamento político de direita.

O *Gospel Prime* tem como mentor o pastor David Gregório Neto, da Igreja Batista de Itajaí, e o teólogo Jarbas Luiz Lopes de Aragão, atual secretário comissionado da Secretaria de Relações Raciais do Ministério da Mulher e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro, e o colunista Michael Cáceres. Já o editor chefe do *Gospel Mais* se identifica como Tiago Chagas, pregador da Igreja Batista, empregando o “webwriter” conservador Will R. Filho, de denominação desconhecida. A maior parte dos redatores pesquisados não detêm diploma na área de jornalismo, com exceção de Cáceres e Jarbas Aragão, que é por sua vez aquele com a trajetória profissional mais notável. Jarbas Aragão era um discreto jornalista de Itajaí, interior de Santa Catarina, que juntamente com David Gregório criou o website de notícias voltado para o público evangélico.

A incursão no mundo político de Jarbas Aragão começou no início de 2018. O editor do *Gospel Prime* foi convidado pelo deputado federal Marcos Feliciano (PODEMOS) para uma audiência pública na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional “para debater a perseguição religiosa e as práticas discriminatórias contra os cristãos no exterior, sobretudo na Coreia do Norte”, na Câmara dos Deputados<sup>9</sup>. Em 2018<sup>10</sup> foi indicado como assessor do deputado Ezequiel Teixeira, e em fevereiro de 2019 fora indicado pela Ministra dos Direitos Humanos e da Mulher, Damares Alves, para o cargo de assessor de comunicação<sup>11</sup> que exerce atualmente.

A origem religiosa dos colunistas do *Gospel Prime* é diversa, tendo inclusive figuras de fora do meio evangélico. Destacam-se o ativista político judeu de direita Roberto Leandro Grobman e o católico conservador João Carlos Biagini. Há ainda mais de 20 colunistas esporádicos, como a psicóloga cristã Marisa Lobo e muitos outros utilizando pseudônimos. Apesar da diversidade de origem religiosa, os colunistas identificados são todos representantes e partidários da direita conservadora brasileira.

A despeito da sua importância e da multiplicidade de origem de seus colaboradores, o *Gospel Prime* foi apontado pela revista *Época* na matéria “O exército de Pinóquios” como “o maior propagador de *fake news* da internet” (BORGES, 2018) e de receber dinheiro de gabinete de deputados evangélicos para seu *website*. Nessa matéria, a revista *Época* destaca uma fala do editor chefe David Gregório, onde ele se defende da acusação de *fake news* ao afirmar que a “cosmovisão” defendida pelo editor pode ser considerada falsa por não constar na *mídia mainstream* (BORGES, 2018). Curiosamente, Thiago Chagas lança um editorial (23 abr. 2018) no *Gospel Mais* cinco dias depois da publicação da revista *Época*, alegando que o *Gospel Prime* sofria perseguição e que as páginas conservadoras eram vítimas de uma “caça às bruxas” pela mídia tradicional, evidenciando sua rivalidade em relação aos grandes jornais.

No que concerne à audiência em portais da internet, esta é medida em números de acessos, o que norteia a forma de produção de uma empresa de internet, ou seja, quanto mais acessada é uma página na internet, mais caros são os espaços de propaganda. Segundo os dados fornecidos pelo serviço de medição de tráfego *SimilarWeb*, antes do período eleitoral, no mês de julho de 2018, o *Gospel Mais* contava com 2,1 milhões de acessos e o *Gospel Prime* com 1,8 milhões de acessos. No período eleitoral de agosto a novembro, ambos dobraram de tamanho, sendo que o *Gospel Prime* chegou a 4,5 milhões e o *Gospel Mais* a 2,6 milhões de acessos em novembro de 2018, época do primeiro e segundo turnos. Após o período eleitoral há um retorno ao tráfego usual, onde ambos voltam ao patamar de 2 milhões de acessos.

A contagem da produção de artigos revelou que, enquanto o *Gospel Mais* produziu cerca de 370 artigos jornalísticos sobre política durante a campanha eleitoral, em uma frequência de dois artigos por dia, o *Gospel Prime* produziu cerca de 440 artigos, com frequência de 2,4 artigos por dia. O *Gospel Mais*, recebia maior volume de acesso nos meses de julho (com cerca de 2,1 milhão de acessos) e agosto (com 2,3 milhões). A partir de setembro, é ultrapassado pelo *Gospel Prime*, chegando a receber o dobro de acessos a partir dos meses de outubro e novembro (cerca de 4 a 4,5 milhões de acessos). O *Gospel Prime* curiosamente despenca sua audiência durante dezembro e janeiro e, após se igualar ao *Gospel Mais*, volta ao segundo lugar no número de acessos.

Segundo dados do *SharedCount*, os arquivos analisados tiveram mais de 1 milhão de compartilhamentos, sendo os do *Gospel Mais* compartilhados cerca de 498 mil vezes e os do *Gospel Prime* 645 mil vezes no *Facebook*. No *Twitter* foram cerca de 4,5 mil para *Gospel Mais* e 5,3 mil no *Gospel Prime*. A presença de ambos os websites nas redes sociais fica dividida entre 99% do *Facebook* e 1% do *Twitter*.

A Análise de Conteúdo baseou-se em identificar os atores e temas mais citados em cerca de 810 artigos produzidos durante o período eleitoral por ambos os jornais com a ajuda do programa *MAXQDA*, voltado para pesquisa acadêmica. Foram selecionados cerca de 40 dos artigos mais representativos para uma análise mais detalhada. Os dados mostram uma similitude entre ambos os portais jornalísticos no que concerne à cobertura das Eleições 2018. A forma como os temas foram tratados por ambos os websites *Gospel Mais* e *Gospel Prime* foi similar, sobretudo nas frequências, com leves diferenças em números absolutos de citações, a despeito da diferença nos números de produção de noticiários.

Em ambos os jornais, Jair Bolsonaro, presidente eleito pelo Partido Social Liberal (PSL), aparece como o mais citado e com maior número de vezes, superando até mesmo as menções a Deus, sempre próximo a Bolsonaro nos artigos apurados durante a campanha. A figura de Deus, assim como a de Jesus, aparece como um “ator ativo” dentro do discurso político noticiado pelos websites durante toda a campanha, endossando, ou rejeitando, candidaturas na presidência e em outras esferas. Foi recorrente o discurso que demonstra Bolsonaro como o “escolhido de Deus”:

*Tenho certeza de que o presidente Bolsonaro é um escolhido, não só um escolhido pela população brasileira, que lhe outorgou essa condição, que manifestou seu desejo de mudança, mas é um escolhido de Deus. Do contrário, não teria escapado do atentado* (CHAGAS, 2018)<sup>12</sup>.

Silas Malafaia, líder da igreja Assembleia de Deus, é o líder religioso mais frequentemente citado, sendo seguido por Magno Malta e Edir Macedo em ambos os objetos estudados. Ele é representado nesses noticiários como um ator político ativo, cujas recomendações e comandos apresentados em forma de sermões em vídeos vinculados aos noticiários devem ser seguidos pelos fieis evangélicos. Edir Macedo e Magno Malta são referidos apenas sobre pronunciamentos, declarações, apoios ou críticas aos candidatos em todas as esferas analisadas. Ambos os líderes religiosos aparecem vinculados à figura de Jair Bolsonaro de forma a endossar sua candidatura.

*Com a proximidade das eleições, o pastor Silas Malafaia lançou mais um vídeo da série que explica motivos essenciais na escolha do voto. Dessa vez, abordou*

*a candidatura de Jair Bolsonaro (PSL), afirmando que o deputado federal e capitão do Exército é alguém sem amarras com o atual sistema político. [...] Ao final, encorajou seus seguidores nas redes sociais a votarem em Bolsonaro: “Vamos colocar um homem que vai ter uma grande equipe para governar esse país e termos dias melhores. Eu quero ser profeta! Eu creio que o Brasil vai viver os melhores momentos, em nome de Jesus. E que Deus abra a mente do povo brasileiro para perceber essas coisas. 17 neles (CHAGAS, 2018).*

Curiosamente, outros líderes da direita brasileira não receberam a mesma atenção dedicada a Jair Bolsonaro. Geraldo Alckmin, candidato pelo PSDB (Partido da Social Democracia) é o candidato menos citado e menos frequente. Assim como seu partido, o PSDB, é relacionado a visitas a líderes evangélicos e a corrupção. Ainda menos atenção foi dada a Ciro Gomes do PDT (Partido Democrático Trabalhista) e Álvaro Amoedo do Partido Novo, não configurando entre os mais frequentes nem entre os mais citados da pesquisa.

Entre os candidatos identificados como evangélicos há um desnível: Marina Silva (REDE) aparece citada em um maior número de documentos, enquanto Cabo Daciolo do Partido Social Cristão (PSC) aparece em um número menor de documentos, mas bem mais citado em ambos os jornais. A forma como os candidatos são citados também difere, sendo Marina Silva a candidata mais representada de forma negativa, tendo seu nome vinculado aos temas plebiscito, aborto e “casamento gay”:

*A pré-candidata à presidência Marina Silva voltou a adotar uma postura “isenta” em relação à descriminalização do aborto e da maconha, defendendo um plebiscito para que a sociedade decida sobre os temas, colocando-se de forma a tentar agradar gregos e troianos. [...] Em entrevista à revista Veja, Marina Silva (Rede) foi questionada sobre qual o peso de sua profissão de fé, evangélica, em sua postura a respeito do aborto e da maconha, e sua resposta praticamente ignorou o ponto referente à sua crença pessoal. “Marina, ao sugerir plebiscito, sem dizer sua posição para temas tão relevantes, se esquivava e lava suas mãos no politicamente correto”, diz Bolsonaro (CHAGAS, 2018).*

Enquanto isso, Daciolo foi representado de forma mais neutra, com mais ênfase nas declarações e ações excêntricas do candidato e pouca atenção às suas propostas políticas. São recorrentes menções à sua peregrinação no Monte das Oliveiras, no Rio de Janeiro:

*O Cabo Daciolo, candidato à Presidência da República pelo Patriota, resolveu voltar para o Monte das Oliveiras, no Rio de Janeiro, após ser barrado no*

*último debate presidencial ocorrido nesta quinta-feira (4) na Rede Globo. Ele retoma seu momento de jejum e oração já adiantando que “um reboião está para acontecer” no Brasil (R. FILHO, 2018).*

Os candidatos do espectro político da esquerda mais citados foram o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e o presidenciável Fernando Haddad. Durante os primeiros meses, Lula foi o ator político de esquerda mais citado, descrito como autoritário e antirreligioso, associado ao comunismo, apoiador de regimes ditatoriais, e a corrupção, com o seu nome vinculado a constantes denúncias como a seguir:

*Lula, o PT e o Foro de São Paulo apoiam as ditaduras. Comento. Não consegui informação de que Bolsonaro tenha matado uma pessoa. É uma comparação absurda, pelo tempo e espaço e ele jamais conseguirá matar 6 milhões de pessoas no Brasil. O Foro de São Paulo, Lula e o PT apoiam ditaduras socialistas/comunistas antigas e as atuais. Lula e o PT forneceram dinheiro do BNDES, o dinheiro do povo brasileiro, para vários países com ditaduras, onde ainda se matam as pessoas como formigas (BIAGINI, 2018).*

Fernando Haddad é o segundo político mais citado nos artigos apurados, sendo associado a questões envolvendo sexualidade e foi frequentemente apontado como o “Pai do Kit Gay”. O kit gay seria um material a ser entregue nas escolas públicas que promoveria a “homossexualidade” e “transexualidade” a menores de idade e seria defendido pelo próprio Fernando Haddad, tratado como seu criador como se pode observar no seguinte trecho:

*Quando era ministro da educação (2005-2012) Fernando Haddad teve embates com a bancada evangélica no Congresso por conta do material “Escola sem homofobia”, que ensinava como natural a homossexualidade e a transexualidade para “alunos a partir dos 11 anos e que cursavam o ensino fundamental, do 6º ao 9º ano. Embora o tema não esteja sendo tratado nesta campanha, muitos ainda associam Haddad ao apelido de “pai do kit gay”, como o material proposto por ele na época ficou conhecido (ARAGÃO, 2018).*

Os atores não diretamente envolvidos na eleição presidencial, mas mais citados em notícias voltadas para eleição foram Jean Wyllys, então deputado do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Dilma Rousseuf, ex-presidente do Brasil pelo Partido dos Trabalhadores, e Sergio Moro, então juiz federal de primeira instância. Moro é representado em notícias relacionadas com a operação Lava Jato, onde estão a maior parte das menções a Lula e Dilma. Nessas menções, o

atual Ministro da Justiça aparece como um combatente da “corrupção”. Dilma Rousseff e Jean Wyllys foram associados aos termos “ideologia de gênero”, “comunismo”, “ideologia”, “ódio” e “autoritarismo”, em uma representação negativa e oposta aos valores cristãos de forma semelhante a Lula e Haddad nos artigos apurados.

Os filhos de Jair Bolsonaro, Flávio e Eduardo Bolsonaro, aparecem pouco citados numa amostragem geral, ainda que num universo específico intrínseco de cada jornal apareçam mais citados do que políticos como José Serra e Geraldo Alckmin. Raras vezes, apenas o sobrenome Bolsonaro é utilizado para se referir aos integrantes da sua família, sendo mais comumente utilizado sozinho para se referir ao pai.

Os temas centrais tratados por ambos os websites foram o aborto, a “ideologia de gênero”, a corrupção e o comunismo. Qualquer menção à ação da luta pelos direitos civis de qualquer grupo minoritário funciona como uma forma retórica para atribuir rejeição e fazer associação ao espectro da esquerda. A “ideologia de gênero” é descrita como um pensamento anticristão, atribuído a todos os políticos de esquerda acusados de serem seus promotores, que visa estimular a homossexualidade, e a transexualidade na sociedade, comportamentos que pervertem a moral cristã, a família e colocam crianças em risco:

*A ideologia de gênero veio para confundir a cabeça das crianças gerando uma desordem espiritual. Dizer nas escolas que ninguém nasce homem ou mulher, pois tudo é uma construção social é uma blasfêmia contra o Altíssimo (WAGNER, 2018).*

O aborto também foi um tema usado como forma de retórica para atribuir uma representação negativa sobre candidatos e grupos políticos. O aborto é associado principalmente à candidata Marina Silva, que é retratada como traidora, por demonstrar, de acordo com ambos os websites, um apoio à prática, ainda que os mesmos textos analisados mostrem que ela se referiu a um plebiscito sobre o assunto, tema que também é visto de forma negativa e atribuído à ex-deputada da Rede sustentabilidade. As opiniões acerca do aborto aparecem sobre a ótica de líderes e pastores evangélicos de direita, sobretudo sobre Silas Malafaia, em várias declarações transcritas e vídeos demonstrando seu “sermão” sobre o assunto, o que chama a atenção para a ausência de vozes femininas abordando o assunto:

*A crise moral é o fundamento de todos os problemas brasileiros. A vida é uma Dádiva de Deus e a essência de nossa existência. Matar um bebê no útero é o máximo da imoralidade. Por isso, o aborto definirá quem serão os novos deputados, senadores e presidente da República (BIAGINI, 2018).*

A análise também identifica que o termo “ideologia” é sempre atribuído à esquerda e aos seus políticos como algo danoso, perigoso, oposto à fé cristã, ainda que não se tenha uma explicação clara do que seja o conceito, assim como a palavra comunismo, construída como conceito anticristão e antidemocrático, de acordo com vários líderes e pastores, sem que necessariamente seja apresentado um conceito chave do que seja, de forma objetiva.

As denominações “conservador” e “conservadorismo” aparecem nos textos com referência a Silas Malafaia, Jair Bolsonaro, entre outros atores citados minoritariamente. Conservador aparece como uma boa qualidade atribuída, uma forma de conferir “confiança”, “honestidade”, “garantia de manutenção dos valores cristãos”, em antítese ao termo “progressista” que se atribui à “esquerda”, à “perda de valores cristãos”. Chama a atenção um trecho de um artigo que descreve o “Brasil Conservador”:

*Conservador: Organizado e cristão, que una o povo; com respeito à família tradicional; contra o aborto; contra as drogas proibidas; escolas com disciplina e respeito às professoras, para não apanharem dos alunos; respeito ao tempo da criança; sem ideologia de gênero; com as pessoas reconhecidas pelo seu sexo natural, masculino ou feminino; economia de mercado livre; [...] todos igualmente respeitando as leis [...] (BIAGINI, 2018).*

É seguro então, com base nos dados levantados pela análise, entender que o discurso político fornecido pelos jornais durante a campanha de 2018 se dá num tom de militância política. Elege-se o discurso conservador como obrigatório para o pensamento evangélico, onde o lado a ser escolhido é o de Jair Bolsonaro. Sua cosmovisão evangélica tem muitos enfrentamentos: posiciona-se contra campos progressistas, mas também contra a grande mídia e outras perspectivas também presentes no campo religioso e, mais especificamente no evangélico, que não se coadunam com os ideais conservadores e de extrema direita dos *websites* analisados.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

O trabalho de campo aqui apresentado demonstra que seu objeto de pesquisa possui ramificações sólidas nos três campos em que transita: o religioso, o político e o midiático. As relações com o campo religioso são de fato sólidas, seus colunistas são pessoas reconhecidas com o devido capital simbólico pelos seus pares, tendo ainda laços com o campo político. Um exemplo significativo é o do editor-chefe do *Gospel Prime*, Jarbas Aragão. Atualmente ele representa a Secretaria de Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro, na assessoria de

comunicação. Seu capital simbólico, adquirido nos campos religioso e midiático, a partir da atuação de seu *website*, tornou possível que hoje represente legitimamente o governo federal.

A contribuição do conceito de campo de Pierre Bourdieu para essa pesquisa é de melhor esquematização da atuação dos jornais pesquisados na intersecção entre os domínios em que atuam, que são a religião, a política e a mídia. Isso é possível por que o conceito de campo discute a fluidez de suas fronteiras e o quanto a aquisição de capitais simbólicos influencia na construção de *habitus* e *status* no trânsito campos. É possível avaliar que os sujeitos usam capital simbólico religioso, como especialistas religiosos do pentecostalismo, no intuito de aquisição de um capital político de natureza conservadora, que encontra um respaldo no campo religioso pentecostal, mas também no campo político e secular, onde por conta da polarização do campo político, encontram um terreno fértil para crescimento. A crítica de Bourdieu ao campo jornalístico em *Sobre a Televisão* (2007) parece encontrar respaldo nos jornais analisados, sendo perceptível a criação de discursos que são vendidos como a visão de todo um grupo cultural, mas que refletem apenas a dos seus idealizadores, no intuito de promover o lado político apoiado por estes, sem se preocupar com outras perspectivas dentro de seu próprio campo. Reproduz-se, então, uma lógica que Bourdieu denuncia como uma prática que produz esvaziamento da discussão política, causando uma incapacidade de conscientização política da audiência, ao não oferecer uma diversidade de pontos de vista que contemple o pluralismo do campo religioso evangélico ao qual pretende representar.

O caráter dogmático do capital simbólico religioso emprestado aparece aqui com o efeito de sedimentar um discurso político específico como algo legítimo. O uso da palavra *gospel* faz menção ao Movimento Cultural Gospel Evangélico, centrado na música e em outros produtos culturais, como define Mariano (2010), remetendo esse tipo de notícia a um bem cultural evangélico. A análise de conteúdo apurou que, apesar da diversidade de origens religiosas, as opiniões político-partidárias postadas costumam ser alinhadas com uma rígida linha editorial pautada pela agenda de um conservadorismo de direita, com pouca ou nenhuma crítica a agentes políticos e religiosos desse espectro, ao passo que se opõem ferrenhamente a agentes ou mesmo temas relacionados à esquerda política, e ao identitarismo LGBT e feminista. Ainda que uma boa parte da visão evangélica seja de direita e conservadora, tal posicionamento político não é exclusivo do pentecostalismo e tampouco representa a maioria esmagadora desse segmento, representado também por Igrejas inclusivas e por uma parcela mais liberal em ascensão.

Outro ponto importante é que a visão política apresentada pelos dois websites sequer contempla a diversidade de culturas e denominações evangélicas apontadas

por Freston (1993) e Mariano (2010). Tampouco acompanha a pluralidade de opiniões políticas apontadas nos trabalhos de Burity (2006) e Burity e Machado (2014), não vislumbrando que o próprio público eleitoral evangélico é diverso e propenso a acompanhar as transformações sociais. Segundo Burity e Machado (2014, p. 625), os eleitores evangélicos

*parecem ter se tornado mais cuidadosos e seletivos na escolha dos candidatos evangélicos e um pouco mais preocupados com o monitoramento de sua participação em eventos políticos importantes. Além disso, parece haver um sentimento crescente, pelo menos entre a liderança mais jovem do pentecostalismo brasileiro, de autocrítica e engajamento em diferentes áreas da vida social, política, econômica e cultural, deixando a porta aberta para novas histórias.*

Portanto, a visão aqui explorada, tanto pelo *Gospel Prime* e *Gospel Mais*, não contempla os evangélicos como um todo e apenas dialoga com um público que já habita esse espectro social conservador, não exclusivamente evangélico. A fala recorrente dos colunistas, que coloca Bolsonaro como o “escolhido por Deus” (CHAGAS, 2018), pode não se comunicar com uma parcela da maioria dos eleitores evangélicos que não votaram no presidente Jair Bolsonaro.

#### BETWEEN THE PULPIT, THE PODIUM AND THE WEB: A STUDY ABOUT THE WEBSITES *GOSPEL PRIME* E *GOSPEL MAIS*

**Abstract:** *the purpose of this article consists of an analysis of the 2018 Brazilian elections coverage on the journalistic websites Gospel Plus and Gospel Prime, which call themselves portals of “gospel journalism”. This study is done following the method of Content Analysis by Bardin (2010) and within the theoretical basis guided by the Pierre Bourdieu’s field concept (1989), for the understanding about how these journalistic websites pervade the fields of religion, media and politics in the studied scenario, as well as what is the evangelical worldview of politics defended in their editorials.*

**Keywords:** *Religion. Midia. Politics.*

##### Notas

- 1 Entende-se institucionais como as ligadas diretamente a uma instituição religiosa, como a Folha Universal é um jornal institucional da Igreja Universal do Reino de Deus.
- 2 Ver em <https://bit.ly/2sZ1cfG>.
- 3 Sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (BOURDIEU, 2007, p. 191).

- 4 Software para análise qualitativa de dados como textos, entrevistas, transcrições, gravações em áudio/vídeo, revisões de literatura etc. Disponível em <https://bit.ly/2RodeZb>.
- 5 O *Similarweb*: serviço que fornece informações sobre o número de visualizações até o número de compartilhamento de sítios da internet. Disponível em <https://bit.ly/38AhyKP>.
- 6 Um servidor que fornece a medição de compartilhamentos em rede sociais. Disponível em: <https://bit.ly/2uqQWgx>.
- 7 Símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição da integração ‘moral’ (BOURDIEU, 1989 p. 10).
- 8 Segundo Freston (1993, p. 66), as primeiras igrejas evangélicas pentecostais chegaram em três ondas: a primeira em 1911 com a chegada da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus. Uma segunda onda veio com a Igreja Quadrangular em 1955 e a Igreja Pentecostal Deus é Amor em 1962. A última onda pentecostal vem com as chamadas neopentecostais com a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo em 1977.
- 9 BRASIL, Câmara dos Deputados, *REQ 252/2018 CREDN*, 2016.
- 10 BRASIL, Diário Oficial da União, 5 de julho de 2018.
- 11 BRASIL, Diário Oficial da União, 4 de janeiro de 2019.
- 12 O atentado a qual se refere aqui consiste em uma tentativa de assassinato sofrida por Bolsonaro no dia 6 de setembro de 2018. Trata-se de uma facada desferida no abdômen do então candidato por Adélio Bispo de Oliveira, de 40 anos, durante uma passeata na cidade de Juiz de Fora (MG). Tal atentado gerou comoção nas redes sociais e foi tratado por diversos veículos de comunicação.

## Referências

- ARAGÃO, Jarbas. Haddad diz que evangélicos “cultivam mesmos valores” que o PT”. Disponível em: <https://bit.ly/32LvwGv>. Acesso em: 20 out. 2018.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand AS, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão: a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In: BOURDIEU, Pierre; MICELLI, Sérgio (orgs.). *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BIAGINI, João Carlos. O tempo e a razão nas eleições. Gospel Prime. Disponível em: <https://bit.ly/32Ij5Lt>. Acesso em: 15 out. 2018.
- BIAGINI, João Carlos. Aborto decidirá as eleições. Gospel Prime. Disponível em: <https://bit.ly/2Oay9w7>. Acesso em: 20 out. 2018.
- BIAGINI, João Carlos. Brasil conservador ou progressista? Gospel Prime. Disponível em: <https://bit.ly/30PD8rY>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- BORGES, Helena. O exército de pinóquios. Revista Época. Editora Abril. 2018. Dis-

ponível em: <https://glo.bo/38gcv1T>. Acesso em: 17 jan. 2020.

BRAGA Sérgio; CARLOMAGNO Márcio. Eleições como de costume? Uma análise longitudinal das mudanças provocadas nas campanhas eleitorais brasileiras pelas tecnologias digitais (1998-2016). *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 26, p. 7-62, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2RpIAPu>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BRASIL. Poder Legislativo. Câmara dos Deputados. Requerimento REQ 252/2018 CREDN. Plenário. Relator: Marco Feliciano. Brasília, DF. 11 de abril 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2rzOfrt>. Acesso em: 20 maio de 2019.

BRASIL. Poder Legislativo. Câmara dos Deputados. Recursos Humanos. Portarias de 10 de julho de 2018. *Diário Oficial da União*. Seção 2. Edição 133. p. 56. 12 de jul. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2O8eE7n>. Acesso em: 20 maio 2019.

BURITY, Joaão; MACHADO, Maria da Dores Campos (ed.). *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2006.

CHAGAS, Thiago. Bolsonaro é um escolhido de Deus, diz ministro em discurso ao lembrar do atentado. *Gospel Mais*. Disponível em: <https://bit.ly/352OiL5>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CHAGAS, Thiago. Pastor Silas Malafaia elenca motivos para votar em Bolsonaro, “um homem que teme a Deus”. *Gospel Mais*. Disponível em: <https://bit.ly/2q9RyW5>. Acesso em: 20 abr. 2019.

CHAGAS, Thiago. Marina Silva quer fazer plebiscito sobre legalização do aborto e da maconha se for presidente. *Gospel Mais*. Disponível em: <https://bit.ly/2QgUWZL>. Acesso em: 20 maio 2019.

CHAGAS, Thiago. Revista *Época* acusa Gospel Prime de ser um dos principais sites de fake news do Brasil. *Gospel Mais*. 23 abr. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2R3J51h>. Acesso em: 17 jan. 2020.

CHAGAS, Thiago. Pastor Silas Malafaia elenca motivos para votar em Bolsonaro, um homem que teme a Deus. *Gospel Mais*. Disponível em: <https://bit.ly/2q9RyW5>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 307f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 1993. Disponível em: <https://bit.ly/2XtGrU4>. Acesso em: 25 jul. 2019.

R. FILHO, W. Cabo Daciolo volta para o monte e diz que “um reboiço está para acontecer”. 05 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2RrDYby>. Acesso em: 10 abr. de 2019.

REVISTA IHU ONLINE. Foram os evangélicos que elegeram Bolsonaro? Editora Unisinos. Disponível em: <https://bit.ly/2NJIkbZ>. Acesso em: 20 jan. 2019.

JUSBRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Portaria de 4 de janeiro de 2019. *Diário Oficial da União*. Seção 2. 4 de janeiro. Brasília, DF. Disponível em: <https://bit.ly/2O311Gs>. Acesso em: 10 maio 2019.

LIMA, Diana; WERNECK, Vinicius. A Notícia Política na Mídia Evangélica: O Mensageiro da Paz e a Folha Universal em Perspectiva Comparada. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/33LlvKG>. Acesso em: : 10 jul. 2019, 15:00. .

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais a sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MACHADO, Maria das dores dos Campos; BURITY, Joanildo. A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 601-631, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2O7yHTu>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Mídia e Poder Simbólico: um ensaio sobre a comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Odlinari Ramon Nascimento da. A igreja midiática: uma análise da Igreja Universal do Reino de Deus on-line, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/33GX4xU>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SILVA JUNIOR, Isley Borges da; SOUSA, Gerson de. Folha Universal, neopentecostalismo e mundanidade: analisando a identidade jornalística com a ótica dos Estudos Culturais. XX Congresso de Ciências da Comunicação da região Sudeste, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2OaTLs9>. Acesso em: 10 ago. 2018.

VITAL, Cristina; LOPES Paulo. Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBT's no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

WAGNER, Lázaro. Vote de acordo com a Bíblia. In: Gospel Prime. Disponível em: <https://bit.ly/3aD1SIt>. Acesso em: 20 out. 2018.